



IMPLOÇÃO MIDIÁTICA: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem

*Implosion media: corporalities
settings of meanings of
language*



Nísia Martins do Rosário¹

Lisiane M. Aguiar²

1 Professora e pesquisadora do PPG em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutora em Comunicação Social (PUC/RS). E-mail: nisia@corporalidades.com.br. www.corporalidades.com.br.

2 Doutoranda do PPG em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Ciência da Comunicação (UNISINOS). E-mail: lisiaguiar@gmail.com.



Resumo: Na instância desse artigo, parte-se do pressuposto de que os corpos são essencialmente geradores de sentidos e têm intenso potencial para produzir semioses ilimitadas, tanto mantendo o que está estabelecido como norma – as regularidades –, quanto promovendo cisões e rearticulação de significados – as imprevisibilidades. Entendemos que as corporalidades assumem dinamicidade e complexidade à medida que o corpo utiliza a linguagem para se comunicar, afetar e ser afetado. Contudo, os textos corporais construídos na dimensão midiática assumem características específicas com relação à dinamicidade e à complexidade das linguagens e dos sistemas culturais. Logo, as corporalidades midiáticas são problematizadas pela perspectiva da semiótica da cultura e, especialmente pelo conceito de explosão de Yuri Lotman a fim de averiguar suas especificidades de funcionamento. Em vista disso, debate-se a existência de um processo de implosão no âmbito televisivo.

Palavras-Chave: corporalidades; linguagens; semiótica da cultura.

Abstract: In the instance of this article starts from the assumption that bodies are essentially generators senses and have strong potential to produce unlimited semiosis, so keeping what is established as standard – the regularities – as promoting divisions and re-articulation of meaning – the unpredictability. We understand that corporalities assume dynamics and complexity as the body uses language to communicate, affecting and being affected. However, the built in media texts bodily dimension assume specific characteristics regarding the dynamics and complexity of languages and cultural systems. Soon, the media corporalities are problematized by the perspective of semiotics of culture and especially the concept of explosion of Yuri



Lotman to ascertain their specific work. In view of this, debate the existence of a process of implosion in the television context.

Keywords: corporeality; languages; semiotics of culture.

Uma perspectiva para as corporalidades

De forma direta e simplificada, assumimos o entendimento de que corporalidades referem-se à perspectiva teórica que estuda os elementos comunicacionais da ordem do corpo. De maneira mais ampla, entender o conceito de corporalidades requer alguns posicionamentos sobre a noção de corpo. À primeira vista, tal conceito pode apresentar uma série de limitações pelo fato de se considerar apenas a materialidade física e até mesmo aparente. Assim, o corpo seria entendido apenas como objeto mediador. Por esse ponto de vista, que também é o da articulação dual, o corpo operaria apenas como um mediador da mente ou da alma para com o mundo; já pela perspectiva da superação das polaridades (BYSTRINA, 1995), os polos mente/corpo, alma/físico entram em inter-relação, ou se constituem em pluriarticulações. Isso significa dizer que a comunicação corporal ocorre na correlação de físico, mente, psique, alma, ou seja, em pluriarticulações de elementos. Separar corpo e sujeito, segundo Hillis (2004) equivale a separar desejo e significado.

Essa percepção mais abrangente acerca do corpo permite conceber as corporalidades como engendradoras de uma dimensão complexa, que alimenta e é alimentada por outras dimensões, constituindo inter-relações constantes de tensão e distensão. Pela perspectiva de Hillis, podemos entender que, do ponto de vista da comunicação, as corporalidades se realizam na dimensão das linguagens, uma vez que elas são capazes de afetar e ser afetadas pelo “corpo-sujeito”, sendo este um modo de tornar a existência um patamar diferenciado e alcançar a humanidade relacional.

Corporalidades, a princípio, configuram um domínio teórico-metodológico que permite fazer avançar as reflexões acerca das virtualidades e das atualizações (BERGSON, 2006) dos corpos; constituem-se numa dimensão em que se pode desenvolver



abordagens teóricas sobre o corpo e propor estudos empíricos sobre ele. Constitui-se num ambiente propício ao alargamento das problematizações e das perspectivas investigativas que dizem respeito ao corpo na comunicação, encontrando respaldo para estabelecer seus princípios e incrementar suas aplicações, entender seu funcionamento. Contudo, entende-se que o domínio das corporalidades precisa ainda ser organizado e construído com vistas ao desenvolvimento das bases de sustentação e da avaliação dos possíveis cruzamentos teóricos, metodológicos e experimentais que nele poderão se instituir.

A partir dessas considerações, entendemos que seria importante buscarmos uma abordagem mais específica acerca dos aspectos das corporalidades que permitem delinear as perspectivas assumidas pelas linguagens, códigos e outros sistemas que as constituem comunicacionalmente. Nessa via, temos a proposta de refletir acerca das configurações assumidas pelas corporalidades nas complexas correlações que se estabelecem entre as semioses e os âmbitos culturais, sobretudo na mídia.

De antemão, é preciso reconhecer que as corporalidades podem ser estudadas a partir de diversos vieses teóricos, entretanto quando o objetivo é problematizá-las na sua conexão com a cultura e com a comunicação, a via da Semiótica da Cultura (SC) parece ser bastante adequada. Esse entendimento se dá em função das especificidades encontradas nessa proposta científica, que dão respaldo às abordagens objetivadas, bem como trazem considerável abrangência conceitual, sem se fechar em si mesmas.

Muito claramente, a SC não se limita aos estudos das corporalidades, sua proposta é bem mais abrangente, voltada aos textos que se configuram a partir dos sistemas secundários, aqueles voltados à cultura. Mas estudar as corporalidades por essa perspectiva traz a possibilidade de entender os tensionamentos e as dinâmicas dos sistemas que dizem respeito ao corpo, e ainda as coloca num âmbito comunicacional-cultural.

Entendemos que no domínio das corporalidades³ manifestam-se sistemas semióticos³ diversos que se organizam de acordo com os contextos culturais em que estão inseridos. As manifestações, expressões e comunicação desenvolvida estão, portanto, em

3 Podemos chamar esses sistemas semióticos de linguagens.



correlação direta com o funcionamento desses sistemas, suas dinâmicas e sua complexidade. Para estudar as semioses geradas nessa dimensão é preciso atentar, por um lado, para as multiplicidades de composições expressivas que estão em potência e, ao mesmo tempo, em processo de transformação. Por outro lado, é preciso ter cuidado com as especificidades, normas e regularidades das linguagens, uma vez que são elas que garantem a comunicação.

Na investigação sobre as corporalidades, buscamos marcas (balizas) distintivas que, ao se articularem, operam como indicadores de sentidos das corporalidades auxiliando a entender o processo de engendramento da linguagem na correlação com outras marcas e que conformam as materialidades observáveis, os textos. Elas se organizam em agrupamentos sígnicos capazes de constituir o que chamaremos aqui de subdomínios das corporalidades: traços étnicos, traços físicos, gestos; posturas; expressões faciais; uso do espaço; vestimenta; adereços, objetos e maquiagem; expressão verbal. Esses subdomínios vão encontrar seus pontos de decodificação nas gramáticas culturais estabelecidas e seus pontos de recodificação na dinamicidade dessa mesma cultura.

Buscando na Semiótica da Cultura potencialidades para o estudo das corporalidades, o artigo se divide em quatro partes, além dessa. Primeiramente abordamos a cultura, na sua relação com a comunicação e a linguagem, trazendo à tona a importância da memória e da criação associadas aos eixos diacrônico e sincrônico na constituição de textos de corporeidades. O tópico seguinte trata do papel da dinamicidade na cultura e nas linguagens, bem como dos tensionamentos trazidos pela perspectiva SC, os quais auxiliam a entender o processo que leva à explosão (Lotman). A terceira parte trata das corporalidades midiáticas defendendo a perspectiva de que os sistemas midiáticos são provocadores de implosões nos processos criativos e explosivos dos textos corporais. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o que foi desenvolvido no artigo.

Tramas entre a memória e a criação: para além da corporeidade

A cultura é compreendida por Lotman (1999, 2000a) como memória coletiva e mecanismo pensante na sua dinamicidade e na sua complexidade, envolvendo os eixos principais de seus estudos: semiosfera, sistemas, linguagens, códigos, codificação,



memória, fronteiras, tradução. Nessa via, abriga a combinação de vários sistemas de signos com codificações próprias, o que permite entender que a signicidade se constitui em um dos seus fundamentos. Tais sistemas de signos encontram diversos níveis de organização e necessitam de regras e normas para seu funcionamento, mas é na relação entre eles que a cultura se estabelece – e nesse sentido a cultura representa um mecanismo poliglota, afirma Lotman (2000b).

Pode-se perceber facilmente que os elementos que configuram os eixos para a reflexão da cultura são igualmente funcionais para a reflexão sobre a comunicação – de uma perspectiva semiótica. Para Lotman (1999, 2000a, 2000b), o ato comunicacional é mais amplo do que a transmissão de mensagem de um ponto a outro, mas é uma tradução de linguagem, condicionada pelo fato de que os códigos dos participantes da comunicação formam conjuntos que se interseccionam. Assim, a condição de fato da comunicação é a da imprevisibilidade e das transformações complexas⁴. O modelo mais adequado para representar a comunicação, segundo ele, é o da intersecção e que, portanto, está em relação mais direta com a função criativa do texto. “O desenvolvimento atual da teoria da comunicação mostra [...] que a inter-relação é o contrário do nivelamento” (LOTMAN apud LOTMAN; USPENSKII; IVANOV, 1981, p. 28). Na mesma página, o autor continua: “a especialização das diversas esferas da cultura, fazendo da comunicação um problema semiótico complexo, determina simultaneamente a sua necessidade recíproca”. Como consequência da posição adotada inicialmente pela SC, é importante considerar o conceito de tensão inserido por Lotman (1999), o qual faz avançar o entendimento do processo comunicativo e aponta caminhos para a abordagem dos processos de construção de semioses.

A função de memória se relaciona à diacronia, à continuidade, se realiza pela presença de textos constantes, pelas invariâncias de determinados códigos, bem como pelo caráter ininterrupto e regular de sua transformação. A memória comum (informativa) de uma dada cultura é identificada pela presença de alguns textos e/ou códigos que permanecem em seu caráter invariável. A função criativa é responsável pela

4 Mesmo inicialmente tendo considerado os estudos da teoria da informação para pensar a comunicação, Lotman (1999) avança nesse pensamento, entre outras coisas entendendo que ruído não é uma anomalia, mas um configurador de sentidos e o código, além de incluir uma estrutura criada, sobretudo supõe a história, a existência de uma memória.



autorrenovação, pela edificação de novos textos, pois está em potência e pode se atualizar constantemente. Assim, a atualização dos textos corporais está subordinada às complexas leis do movimento cultural e tem relação com o eixo sincrônico, ou seja, com a conjugação de simultaneidades e de sucessões.

Nessas tramas entre memória e criação, vão se definindo por meios de tensões o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, num jogo de repetições e proibições, bem como de incorporações e prescrições. Contudo, não se pode desconsiderar que já está em potência o ressurgimento dos elementos destinados ao esquecimento. Nesse cenário, pode-se perceber o papel de relevância que as *tensões* ocupam nos modos de pensar dos semioticistas soviéticos.

A dimensão das corporalidades, ao operar sobre a configuração de sentidos, atua tanto pelo viés da diacronia como pelo da função criativa. Por outras palavras, mesclam-se a capacidade do reforço da signicidade nas formas já usuais de comportamento com a capacidade de ruptura com os sistemas sígnicos estabelecidos, gerando uma elevação no grau de semioticidade⁵.

Assim, parte-se do princípio de que as corporalidades, na sua relação com os sistemas modelizantes secundários, as linguagens culturais, podem ser problematizadas considerando textos corporais.

Dinamicidade e tensionamentos

Nessa seção, nos aprofundaremos um pouco em perspectivas mais específicas da Semiótica da Cultura, buscando, em seguida, construir relações com o modo pelo qual entendemos que as corporalidades midiáticas devem ser tratadas. Previamente podemos afirmar que nos interessam especialmente as tratativas sobre os tensionamentos e a dinamicidade que atravessam os sistemas – e que de certa forma vêm sendo apontadas

5 Podem-se verificar códigos estáveis em muitos rituais religiosos em que o corpo é o centro, como o batismo. As cerimônias não são idênticas em todas as igrejas, mas mantêm ainda hoje muitos aspectos da tradição como aspergir água sobre a cabeça da criança (no catolicismo), ungi-la como sinal da cruz, entre outros. Na via da função criativa, a tradução se realiza pela assimetria de relações e pela constante necessidade de escolhas gerando novas informações. Igualmente, se pode perceber as rupturas e reconfigurações de sentidos que se constituem também em cerimônias religiosas, mas desta vez o exemplo é o casamento em que os noivos e padrinhos entram dançando músicas pop na igreja, eliminando o formato do andar pausado, sem gestos e da música sacra.



ao longo do artigo.

O exame de textos culturais midiáticos em que os corpos se manifestam é um caminho de reflexão sobre as linguagens e códigos das corporalidades, tendo em vista que permitem a compreensão de dinâmicas assumidas, dos movimentos de previsibilidade e imprevisibilidade nos sistemas que envolvem as corporalidades. Contudo, não é nossa pretensão apresentar descrições elaboradas desses textos – mesmo que entendamos que esse é o procedimento defendido pela SC (LOTMAN; USPENSKII; IVANÓV, 1981). O que fomos capazes de observar numa perspectiva de análise crítica vem mostrar as percepções sobre os usos e organização das linguagens relacionadas às corporalidades no ambiente midiático, especialmente o audiovisual televisivo.

Para Lotman (1999), o conjunto da cultura pode ser considerado um texto organizado de modo complexo, que compreende textos dentro de textos⁶ e, dessa maneira, forma uma trama intrincada que vai constituindo a cultura e que permite compreendê-la, mas também às suas linguagens. A Semiótica da Cultura tem como objeto de investigação o texto⁷ e nele os sistemas modelizantes secundários encontram sua forma de expressão na cultura. Podemos deduzir que as linguagens se materializam nos textos, os quais são gerados por elas, são dotados de sentidos e têm um caráter codificado. Lotman (1996, 2000), porém, vai além do caráter fechado e pancrônico do texto apresentado por Hjelmslev, quando lhe atribui dinamicidade e imprevisibilidade na geração de novos sentidos, entendendo que existe uma consciência não homogênea em relação aos textos. A relação assimétrica e a constante necessidade de escolha fazem da tradução um ato de geração de novos sentidos e corresponde à função criativa da linguagem.

O funcionamento semiótico dos textos em relação é o ponto de partida de qualquer sistema semiótico e têm seu ambiente no espaço da semiosfera. É nela que se organiza a complexa articulação de textos, linguagens, códigos, podendo ser entendida como uma dimensão na qual se manifesta o que é próprio da significação, da semiose. Ao reconhecermos nosso foco nos movimentos espaço-temporais de tensionamento, de rupturas e de transformações nos códigos, nas linguagens e nos processos

6 As tratativas sobre textos dentro de textos estão na obra *Cultura y explosion* (1999).

7 Mesmo esse termo sendo usual na semiótica estruturalista e em outras instâncias da comunicação, observa-se que para a SC o texto mantém especificidades próprias.



comunicacionais, o aspecto da semiosfera que se torna mais relevante é a fronteira (ROSÁRIO, 2013).

É evidente que os espaços da semiosfera não estão organizados de maneira igual em todas as partes, Lotman (1996) observa que a divisão entre núcleo e periferia é própria da organização interna da semiosfera, sendo que no núcleo estão os sistemas dominantes. Os ambientes de maior tensionamento se dão no limiar da fronteira que é entendida pelo autor como um conjunto de pontos que pertencem simultaneamente ao espaço interior e ao espaço exterior da semiosfera. A fronteira, portanto, é móvel e flexível, funcionando como um filtro e, ao mesmo tempo, como um elaborador de adaptações desses dois espaços. Assim, as zonas periféricas da semiosfera estão mais disponíveis e aptas para realizar a tradução do seu mundo exterior ao seu mundo interior e vice-versa.

Mais uma vez é preciso considerar a importância dos tensionamentos entre textos, linguagens, códigos, ocasionados pela dinamicidade dos sistemas. Esse é um diferencial importante trazido pela SC, ainda que seus teóricos reconheçam que a linguagem é um sistema que tende constantemente à estabilidade e que as normas são uma categoria semiótica. De acordo com o que abordamos anteriormente, o modelo comunicacional mais adequado na interpretação de Lotman (1999) é o da intersecção. Não apenas pela sobreposição de espaços em que a tradução das informações será relativamente fácil, mas, sobretudo, porque mostra a disposição para a intersecção de duas tendências contrárias e, por consequência, para a ampliação das diferenças.

Por outras palavras, a complexificação dos textos pela intersecção de sistemas aumenta exponencialmente a imprevisibilidade dos movimentos de semiose. Os espaços semióticos das intersecções alcançam vários textos, em vários níveis, constituindo correlações internas complexas que vão permitir graus diferenciados de tradutibilidade. Para que as traduções ocorram, porém, é preciso que os textos tenham abertura para buscar em espaços externos elementos que favoreçam as interpretações. Lotman (1999, p. 42) afirma que “o mundo da semiose não está fatalmente fechado em si mesmo, mas joga com o espaço que lhe é externo”.⁸

8 Tradução livre.



A interseção que ocorre nos espaços de sentidos tem potencial para gerar desajustes nos limites previstos para os textos, ou seja, a geração de novos sentidos é “a representação de uma certa massa de sentidos cujos limites estão formados pela multiplicidade de usos individuais” (LOTMAN, 1999, p. 35)⁹. A geração de novos sentidos tem correlação direta com o tensionamento, uma vez que desestabiliza os sistemas, os códigos e as linguagens em espaços de não intersecção. Entende-se que os textos corporais se enriquecem nesse âmbito, podendo se constituir como ambientes de criação e de novidade. Esses movimentos paradoxais, que operam sobre a possibilidade da intradutibilidade, vão compondo diferentes tramas de sentido porque necessitam ser codificados e decodificados a cada vez.

Esses tensionamentos são próprios da cultura e do modo dinâmico de seu funcionamento, realizam-se de várias maneiras, e podem ser entendidos por meio da perspectiva do contínuo, descontínuo; previsível, imprevisível; e, sobretudo do conceito de explosão (LOTMAN, 1999). No presente artigo buscamos considerar que as linguagens das corporalidades, por um lado, buscam a imanência e, por outro, são tensionadas por influências externas. Assim os sistemas semióticos passam por processos de desenvolvimento gradual, mas têm que enfrentar os momentos de rupturas, de explosão. Lotman (1999, p.26) defende que o gradual e a explosão são partes de um único mecanismo da estrutura sincrônica e, assim, podemos perceber a formação de “estratos que se desenvolvem em diversas velocidades, de modo que qualquer corte sincrônico mostra a presença simultânea de vários estados”. Dessa forma, o acaso (casualidade) é o elemento-chave da explosão. É impossível à mente humana prever a casualidade e, segundo Lotman, esse é um poderoso e instantâneo instrumento da providência.

A explosão ocorre nos momentos em que os sistemas são atravessados pela imprevisibilidade em velocidade elevada, causando rupturas nos modos de decodificação da linguagem e obrigando a uma nova fase: de resignificação e de reorganização dos códigos. Para o autor, a explosão carrega a noção de transgressão possível, de comportamento atípico, é o momento em que o sentido tensiona a

9 Tradução livre.



previsibilidade, irrompe na criação de algo que não estava determinado. Ao mesmo tempo, ela coloca em jogo um conjunto de possibilidades das quais apenas uma se realiza provocando a superação da resistência exercida pelos sistemas, assim deve provocar mudanças estruturais, novas realidades, mas ao fim do processo a imprevisibilidade é substituída pela regularidade. Ocorre, a nosso ver, uma reterritorialização dos sentidos

Textos corporais: a implosão midiática

As tratativas anteriores acerca da dinamicidade e da complexidade dos sistemas culturais, bem como as regularidades e imprevisibilidades que atravessam os códigos e as linguagens pelos tensionamentos e intersecções, fornece embasamento para abordarmos os textos corporais midiáticos. Esses são aquele que encontramos nas mídias – para o foco deste trabalho nos deteremos no audiovisual e especificamente na televisão – e tem como objeto o corpo humano. Portanto, estão atravessados pelos processos de edição, filmagem, preparação, transmissão, circulação, considerando públicos de grande escala. Eles podem ser exemplificados por capítulos de novelas, telejornais, vídeos publicitários, entre outros. O que nos interessa especificamente são os textos midiáticos que têm o corpo como objeto principal, fazendo-o assumir uma construção sígnica específica.

Os textos corporais midiáticos, em sua maioria, estão presos a formatos bastante rígidos (aqui estamos considerando sobretudo textos audiovisuais). Na televisão, por exemplo, as corporalidades ficam atreladas não só à linguagem do meio, mas igualmente às gramáticas da emissora que, muitas vezes, são bastante rígidas, e igualmente estão ainda atravessadas pelos sistemas culturais – considerando o que Lotman entende como subconjunto de determinadas organizações. Essa sobreposição de sistemas torna as expressões das corporalidades muito mais engessadas, atravessadas por estratégias de interdição e prescrição.

Os telejornais, por exemplo, contam com tempos, enquadramentos e planos fixos no modo de mostrar o apresentador e no modo de exibir os repórteres, bem como busca se adequar a um determinado perfil físico-estético. Os enquadramentos e o olhar direto



para a câmera buscam a aproximação entre o apresentador/repórter e o telespectador; o perfil físico, predominantemente baseado numa estética caucasiana, auxilia na empatia e na credibilidade. Pesquisas na área de Comunicação Social¹⁰ indicam que o estilo estético e a linguagem corporal de apresentadores de telejornal não se alteram. O texto corporal midiático das apresentadoras de telejornais, por exemplo, se compõe predominantemente de: corpo magro, pele branca, aparência jovem, cabelo castanho e liso. Nessa via, temos que reconhecer que os sistemas midiáticos operam como um dispositivo estereotipizador, o que também é próprio da cultura.

Defendemos que os textos corporais midiáticos estão, de certa forma, programados; e a participação de atores e convidados se realiza por um texto corporal mais ou menos roteirizado, mesmo nas transmissões ao vivo. Ao contrário da arte (exemplificada por Lotman como fonte de explosões), a maioria das mídias está comprometida com certas regularidades e previsibilidades, tendo em vista sobretudo o perfil do público e dos anunciantes. Por outro lado, os meios de massa não podem dispensar as novidades ao custo de perder audiência. Dessa forma, defendemos a premissa de que nesse processo são criadas pseudo-explosões (as quais chamaremos de implosões), ou seja, rupturas de sentidos que já vinham sendo trabalhadas de forma indireta em outros textos para que num primeiro momento sejam percebidos como imprevisibilidades, mas que não sejam de total desconhecimento do público.

Assim, entendemos que os textos midiáticos destinados a públicos numerosos funcionam dentro de um sistema que busca aplanar as contradições dos códigos, das estruturas, das linguagens, eliminando as contradições que aparecem na sua inevitável dinamicidade. O motivo principal disso parece ser a manutenção da audiência e, por consequência, do investimento financeiro de anunciantes – sobretudo nas tevês abertas. Contudo, não estamos afirmando que as mídias audiovisuais não operam sobre a função criativa, mas sim atuam nela a partir da construção de irregularidades controladas nos

10 Por exemplo, o Trabalho de Conclusão de Curso de Gabriella Padilha Scott, intitulado “Mulher, corpo e credibilidade: um estudo cartográfico sobre as apresentadoras dos principais telejornais do país”, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também pesquisa desenvolvida por Nísia Martins do Rosário no ano de 2005 e 2006, intitulada “Feminino/masculino: estratégias discursivas nos programas televisivos”.



sistemas organizados pelos próprios meios. Lotman (1999) lembra que a imprevisibilidade não é uma possibilidade ilimitada, mas está conectada a um conjunto de possibilidades. Se a função criativa é responsável pela autorrenovação, não há dúvida de que ela está presente nos textos corporais midiáticos, contudo temos que considerar os modos pelos quais os textos novos se manifestam: anúncio prévia, mudanças ajustadas, repetição contínua, remediação. As lógicas comumente usadas para trazer o novo são fruto muito mais de uma mudança que vai se compondo num processo gradual (Lotman) do que pelo processo explosivo em sua forma mais pura, ou seja, como substanciais rupturas de sentidos, de códigos e de sistemas.

Por outras palavras, percebe-se o predomínio dos processos criativos minimizados, das explosões controladas. A televisão e outros meios de públicos massivos não são espaços de experimentação. Os processos graduais de transformação das linguagens imperam tendo em vista, sobretudo, manter a audiência, preservar os investimentos publicitários. É o caso do beijo gay que aconteceu em 2014, no final da novela *Amor à Vida*. Esse texto poderia ser considerado explosivo, sobretudo por que teve vasta repercussão em outras mídias e nas redes sociais, rompendo com um tabu televisivo/cultural do horário nobre. Foi considerado o primeiro beijo gay da televisão brasileira, sem considerar que ele aconteceu entre duas personagens femininas da novela *Amor e Revolução*, do SBT, em maio de 2011. A recuperação de aspectos do eixo diacrônico permite perceber como esse beijo gay vinha se construindo nos sistemas das telenovelas. Nossa lembrança nos remete a *Rebu* (1970), com um personagem gay interpretado por Ari Fontoura, passando por *Torre de Babel* (1999), em que o casal homossexual composto por mulheres teve que ser retirado do ar em função das interdições da audiência, a qual, portanto, afeta as narrativas televisivas. Os corpos gays foram interditados, mas não caíram totalmente no esquecimento, ficaram em potência (conforme explicações de Lotman sobre os processos culturais). Acabaram se manifestando em outras novelas, muitas vezes por meio do humor, outras vezes por meio de segredos, por formas caricaturais e de maneira mais evidente.

Por outras palavras, o beijo gay se configurou a partir de um trajeto diacrônico que entendemos que seja de gradual recodificação do sistema cultural das telenovelas no que



se refere às relações gays. Para que ocorresse o beijo gay, as representações da homossexualidade e a expressão de sua sexualidade foram sendo paulatinamente incorporadas à linguagem da teledramaturgia. Assim, é possível afirmar que a função criativa, a pseudo-exploração na novela *Amor à vida*, foi bastante preparada, constituindo-se numa ficção já que estava predeterminada pelo sistema midiático.

No âmbito da não-ficção revela-se uma reorientação nos modos dos sujeitos construir seus textos corporais, há um certo apagamento da naturalidade na presença das câmeras e elas passam a ser um “sujeito” a quem é preciso dirigir a palavra, o olhar. Nessa via, configuram-se sujeitos midiáticos que se comportam de acordo com as gramáticas audiovisuais, por exemplo: cuidado maior com a aparência, olhar para a câmera, gesticulação contida, objetividade e rapidez na expressão verbal, poucos movimentos na expressão facial.

Tudo isso, permite que o espectador acompanhe os programas prevendo com certa tranquilidade o que vai acontecer já que está acostumado aos modos das emissoras de canal aberto apresentarem os textos corporais. A tradutibilidade é relativamente fácil e cômoda. A exceção fica por conta dos programas ao vivo em que, ainda que o controle seja bastante rígido, as imprevisibilidades não podem ser totalmente controladas. A transmissão de uma reportagem “ao vivo” num telejornal em que um dos presentes quebra o protocolo metendo-se na frente das câmeras e do repórter terá um rápido corte voltando ao estúdio. Essas irregularidades podem se tornar vídeos virais no YouTube, mas não se prestam a repetição na própria emissora – a não ser num quadro como “Falha Nossa” que é a expressão do que deu errado, do que não está adequado à gramática da emissora. Nesse ponto é preciso observar que, para além da hegemonia, sempre se manifestam as insujeições, e isso é valioso para o âmbito da comunicação midiática uma vez que elas funcionam como tensionamento às gramáticas.

Nesse sentido, os sistemas midiáticos, no que diz respeito às corporalidades – mas também em relação a outros aspectos – operam muito pouco sobre a imprevisibilidade. Essa é a interdição fundamental nesses sistemas. As alterações e rupturas de códigos, linguagens, formatos ocorrem de maneira planejada na maioria das emissoras, principalmente as de canal aberto. Prevalecendo as regularidades e as normas, há pouco



espaço para as imprevisibilidades, para as possibilidades de explosão e para uma genuína função criativa da linguagem ou mesmo para as insujeições.

Nos canais pagos percebe-se de forma mais evidente a realização da função criativa da linguagem, essas emissoras parecem ser o lugar do experimento e da testagem televisiva, ainda que persistam os interesses econômicos. Muitas das assertivas dessas emissoras são estendidas para as de canal aberto e os meios de massa hegemônicos são bastante hábeis em capturar e “gramaticalizar” os textos que operam sobre a criatividade, diminuindo a sua força de inovação e, por consequência, naturalizando-os e até mesmo banalizando-os em suas incontáveis repetições.

Essas observações e reflexões sobre os textos midiáticos corporais nos levaram a defender que o conceito de explosão desenvolvido por Lotman (1999) não se realiza integralmente nos meios de massa, ou, se se realiza, acontece de maneira muito peculiar. Percebemos um terceiro processo para além dos propostos pelo autor (gradual e explosivo) e o colocamos aqui em debate, de forma ainda embrionária. As irregularidades dos sistemas da televisão aberta se realizariam, em grande parte, por meio de um processo de explosão controlada, que entendemos ser adequado chamar de *implosão*, considerando que a cadeia de causa e efeito deve ser preservada. Assim, o imprevisível é controlado de forma rápida transformando-se logo em regularidade; os códigos são ajustados com prudência; os formatos permanecem os mesmos por muito tempo; as alterações e rupturas de sentido não podem ocorrer em grande escala, mas têm que ser programadas e avisadas; enfim, os tensionamentos e as interseções são diminuídas para estabilizar uma dinâmica veloz.

A *implosão*, contudo, não se opõe completamente à explosão, uma vez que causa algum tipo de estrondo, efeitos de sentidos novos, possivelmente algum desconforto no modo corriqueiro de interpretação. Os seus efeitos, contudo, tendem a ser projetados pela emissora, que mesmo construindo textos que tragam rupturas de sentidos, não tensionam o público e a sociedade a não ser de forma muito gradual. A *implosão* – que ocorre na casualidade – interrompe a cadeia de causas e efeitos a que se está acostumado, gerando um campo com densidade de informações.

Entendemos que o termo mais adequado é *implosão*, porque o processo de explosão não



prevê o caminho, não tem um percurso pré-definido, impossibilitando que os textos midiáticos sejam construídos nessa performance. Já a *implosão* permite a expressão de irregularidades controladas, cadeia de causa e efeito marcada pela gradualidade, relativa densidade de informação, trajetórias estudadas e demarcadas e tradutibilidade com o mínimo de tensionamento.

Assim como na engenharia, a *implosão* aqui tratada tem procedimentos muito claros, principalmente o do controle. Esse diz respeito aos comedimentos para a veiculação de textos que rompem com os padrões de codificação e a consequente restrição sobre o que pode ou não pode ser veiculado, bem como a contenção daquilo que não está adequado aos códigos televisivos vigentes. O procedimento do controle encaminha ao procedimento do banimento. Extingue-se o que não é considerado bom e adequado, tornando determinadas formas de manifestação do corpo proscritas, engendrando um colapso dos textos que precisam cair no esquecimento. Por outro lado, há o procedimento da hegemonização com a repetição em grande escala daqueles textos corporais que inovam e “dão certo”, a exposição sem medida em diferentes programas, a reprodução incessantemente em várias mídias de forma que pareça que aquele tipo de texto sempre esteve ali. É o caso de personagens como Tiazinha e Feiticeira engendradas na televisão, rapidamente assimiladas tendo em vista o apelo e a recorrência constante. Esses textos corporais nas suas especificidades caíram no esquecimento, mas foram substituídos por outros com proposta similar como as ‘popuzudas’ e as mulheres frutas.

Os textos midiáticos (televisivos ou não), afinal, situam-se, em sua maioria, entre aqueles que estão no centro da semiosfera, longe do extra-sistêmico para conservar seu estado de hegemonia, dominância e consequente aceitação por parte do público. Eles, contudo, não estão livres das imprevisibilidades e tão pouco das influências do extra-sistêmico. Nesse processo de rápida apropriação das novas estruturas de significado, a televisão ajuda a legitimar textos explosivos usando para isso um processo de implosão (explosão controlada).



Considerações finais

Entende-se que é necessário apreender as corporalidades nas redes de composição de significados que elas vão configurando tanto no cotidiano, nos meios técnicos, nos meios de massa, enfim na dimensão da cultura. A previsibilidade e a imprevisibilidade transitam entre os diversos tipos de textos corporais, estimulando-se reciprocamente, relacionando-se de forma dinâmica por sucessão e por simultaneidade de vários estados (LOTMAN, 1999). Seu funcionamento recíproco, mas igualmente consolidado na oposição, provoca respectivamente a estabilização e a desestabilização. Essa última é definida como uma linha de desenvolvimento que salta para uma nova: imprevisível e mais complexa. É nela que pode se realiza com mais propriedade a humanidade relacional.

Assim, temos que reconhecer que há textos corporais que se situam na periferia da semiosfera, uma vez que não precisam estar assujeitados a normas rígidas de funcionamento, neles estão mais acessíveis às trocas sistêmicas, à reconfiguração de códigos e diversos tipos de tradutibilidade, ainda que contem com normas de funcionamento. São textos corporais que se constroem sobre o não hegemônico, sendo que o núcleo da semiosfera o entenderia como um ambiente caótico (não organizado), neles as corporalidades estão aptas e gerar novos sentidos. O cotidiano é o melhor lugar para encontrá-los tendo em vista que lá as gírias se proliferam, os tipos físicos e étnicos diferenciados tentam conquistar espaço, multiplicam-se gestualidades, vestimentas. Assim, criam-se textos em que a função criativa transparece em conversa de amigos em botecos, brincadeiras de crianças e adolescentes, jogos, danças de rua. Eles podem não ter aceitação e serem descartados caindo no esquecimento, mas, igualmente, podem ser incorporados aos subdomínios periféricos tanto quanto ao domínio hegemônico – que é onde está a mídia – o núcleo da semiosfera. Um exemplo disso é a *dança do passinho*, que teve origem na periferia do Rio de Janeiro e que foi incorporada pela mídia de massa tornando-se popular no Brasil.

Lotman (1996, p. 30) afirma que “nos setores periféricos, organizados de maneira menos rígida e possuidores de construções flexíveis, ‘delizantes’, os processos dinâmicos encontram menos resistência e, por consequência se desenvolvem mais



rapidamente”¹¹.

Enfim, estamos defendendo que os textos corporais midiáticos, em sua maioria, se estabelecem a partir de semioses mais previsíveis, mais comuns a determinado grupo, mais facilmente interpretáveis levando à legitimação de significados. Assim sendo, os participantes dos processos comunicativos atuam numa dimensão de comodidade, sentem-se mais aptos para limitar as possibilidades de distorções de sentidos e organizar as diferenças, com o mínimo de tensionamento.

Contudo, não é possível afirmar que meios como a televisão não inovem, não apresentem textos criativos. Essa aparente contradição é que nos faz entender que há um processo diferenciado de produção de semioses na televisão, que na reciprocidade e na simultaneidade com o gradual e o explosivo busca apresentar o imprevisível de forma anunciada e controlada. A esse processo estamos chamando de *implosão*.

No que tange especificamente às corporalidades, entendemos que elas articulam uma rede de significação que tem um espaço fundamental de legitimação na mídia, em que se engendram enunciados do corpo e sobre o corpo, a partir de recursos expressivos que organizam e autenticam um tipo predominante de corporalidades que é consensualmente aceita e previsível. É justamente essa busca pela produção de textos baseados nos signos de consenso que faz com que os textos corporais se situem numa linha de tensão entre o sentido dado, o sentido constituído e o sentido esvaziado. Os dois primeiros, na versão midiática, são causadores do que chamamos de implosão. O último é aquele que, em geral, é excluído das redes discursivas hegemônicas porque opera sobre a imprevisibilidade.

¹¹Tradução livre.



Referências Bibliográficas

- BERGSON, H. *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BYSTRINA, I. *Tópicos em semiótica da cultura*. São Paulo: CISC/PUCSP, pré-print, 1995.
- HILLIS, K. *Sensações digitais: espaço, identidade e corporificações na realidade virtual*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- LOTMANN, Y. M. *Cultura y explosión*. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.
- _____. *Universe of the mind: a semiotic theory of culture*. Indiana: Indiana University Press, 2000 (a).
- _____. *Semiosfera I – semiótica de la cultura e del texto*. Madrid: Cátedra, 1996.
- _____. *Semiosfera III – semiótica de las artes e de la cultures*. Madrid: Cátedra, 2000(b).
- _____. No-memorians I. *Entretextos*, n. 10. Granada, 2007. Disponível em: <http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos.htm>, acessado em: jun/2012.
- _____. No-memorians II. *Entretextos*, n. 11, 12, 13. Granada, 2009. Disponível em: <http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos.htm>, acessado em: jun/2012.
- _____. Sobre el concepto contemporáneo de texto. *Entretextos*. n.2, nov. Granada, 2003(a). Disponível em: <http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos.htm>, acessado em: jun/2012.
- _____. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. *Entretextos*. n.2, nov. Granada, 2003 (b). Disponível em: <http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos.htm>, acessado em: jun/2012.
- LOTMAN, I.; USPENSKII, B.; IVANÓV, V. *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- MACHADO, I. (org.) *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.
- ROSÁRIO, N. M.. Imagens midiáticas em corpos eletrônicos. *InTexto*, v. 2008/1, p. 6, 2008.



IMPLOÇÃO MIDIÁTICA: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem

| Nísia Martins do Rosário e Lisiane M. Aguiar

ROSÁRIO, N. M.; DAMASCENO, A. F.. Contribuições de Iuri Lotman à teoria da comunicação: cultura, informação e explosão. In: ROSÁRIO, N.M; OLIVEIRA, L.D.; PARODE, F.P. *Entre semióticas*. São Paulo: Kuzuá, 2013.

submetido em: 15 jun. 2014 | aprovado em: 23 out. 2014